

O conto de monitora ambiental de Sophia Caiçara¹

The story of Sophia Caiçara's environmental monitor

La historia de la monitora ambiental de Sophia Caiçara

Paulo Cesar Franco²

Meu nome é Sophia, sou uma adolescente caiçara e vou contar um pouco da minha experiência como monitora ambiental. Essa experiência aconteceu por meio de um projeto de Turismo de Base Comunitária que tem por objetivo possibilitar convivência aqui na minha comunidade tradicional caiçara, chamada Vila Nova, localizada na proximidade da foz do rio Ribeira de Iguape e do Mar Pequeno, no município de Iguape, litoral Sul Paulista.

Antes de começar, quero primeiramente explicar que ser caiçara significa viver a confluência entre povos indígenas, camponeses europeus e africanos escravizados, que ao longo dos séculos estabeleceram no litoral brasileiro, consolidando um modo de vida que concilia o mar, a praia e a Mata Atlântica.

As comunidades tradicionais caiçaras são identificadas desde o sul do Estado do Rio de Janeiro até o norte do Estado do Paraná e possuem uma organização social conhecida pelo mutirão de fandango. O mutirão de fandango é organizado em três momentos distintos tendo início com o trabalho braçal que pode ser o plantio de uma roça de rama de mandioca apropriada para a produção artesanal da farinha de mandioca muito utilizada na culinária caiçara. O plantio da roça de mandioca normalmente dura o dia todo e os convidados trabalham com enxadas, foices, machados e outras ferramentas necessárias para o cultivo dessa espécie.

Durante o plantio, os adultos ensinam às crianças e aos jovens os saberes da roça. Compartilham seus conhecimentos sobre o amolar da enxada, encabar uma foice, cortar uma árvore e fazer uma queimada controlada da mata, que é o manejo integrado do fogo. No final da tarde, quando a roça já se encontra toda plantada, começa o segundo momento do mutirão, que é a reza conduzida por um líder espiritual da comunidade. Antigamente, as pessoas consultavam o líder espiritual para serem orientadas nas decisões pessoais ou familiares, nas indicações de remédios de ervas medicinais, as tradicionais “garrafadas”, e nos auxílios a questões pessoais ou coletivas. Por fim, a terceira etapa é destinada a confraternização. Nesse

¹ O presente conto está atualmente intitulado “O conto de monitora ambiental de Sophia Caiçara”, mas ele foi originalmente apresentado no IX Seminário Conexões: Deleuze e Linhas e Cosmos e Educação como “Catando Malhado na corrida”.

² Unicamp

momento, o chefe de família, aquele que chama o mutirão de fandango, oferece o baile de viola que é o fandango propriamente dito. Daí para frente, entram em cena os tocadores de viola, rabeca e adufo que são os principais instrumentos do fandango caiçara. O fandango caiçara, que é uma festa por meio de baile, adentra à noite e só vai terminar no dia seguinte quando o sol brilhar na porta da casa. Durante os três momentos do mutirão do fandango, acontece uma ininterrupta troca de informação e aprendizado comunitário que caracteriza a educação caiçara.

Sou resultado dessa confluência que compôs a cultura caiçara. Meus ancestrais, tanto do lado de minha mãe como de meu pai, estão no município de Iguape desde o século XV e há cinco gerações compuseram identidades territoriais que ensinam a viver em harmonia com a natureza. Meus pais, bem como meus parentes, compartilham memórias ancestrais que aprenderam com os antigos caiçaras guardiões da Mata Atlântica. Eles integram saberes dos povos indígenas que os ensinaram a manejar a floresta de forma sustentável. Aprenderam a colher cipós da mata em período de lua minguante e fazem essa extração de maneira que o recurso natural não impacte negativamente o meio ambiente. Também sabem muita coisa da cultura africana que atualmente são compartilhadas pelas comunidades quilombolas do Vale do Ribeira como, por exemplo, o pilão que é utilizado para pilar o arroz que é utilizado no cuscuz caiçara. Além da sabedoria dos povos indígenas e quilombolas, o Caiçara também herdou o conhecimento dos europeus que é possível verificar na construção de embarcações, casas e na carpintaria em geral.

Infelizmente esses saberes estão acabando por conta de certas políticas ambientais que restringe as práticas caiçaras em seu território de origem e pelo aumento desordenado do turismo que inverte os valores das comunidades tradicionais afetando o modo de viver das crianças e adolescentes. Eu mesma devo confessar que se não fosse meus pais não saberia identificar na Mata Atlântica algumas espécies da flora e da fauna que fazem parte da tradição caiçara. Esse distanciamento das pessoas em relação ao saber tradicional, sobretudo por parte dos adolescentes caiçaras, como é meu caso, acontece por conta da incessante e inevitável introdução dos valores urbanos na comunidade tradicional, pois muitos adolescentes passam a imitar o estilo do turista partindo do seu modo de falar espóptico, uso de roupas e outros comportamentos que os distanciam dos saberes caiçaras. A proibição do uso do território é também um fator que desestimula o conhecimento tradicional uma vez que os anciãos não produzem mais suas roças de mandiocas e seus artesanatos com recursos da Mata Atlântica como, por exemplo, a caxeta que é uma árvore cuja madeira é utilizada na confecção da viola branca e da rabeca, dupla de instrumentos musicais do fandango.

A escola, por sua vez, mantém um estilo educacional muito focado em plataformas digitais que, devido ao excesso, não valorizam as experiências extra-escolares dos estudantes. A escola onde eu estudo, por exemplo, que está situada numa comunidade de pescadores caiçaras, muito pouco consegue interagir com os saberes locais de modo efetivo promovendo vivências em comunidades caiçaras que possibilite o estudante a refletir seu pertencimento ao território que vive. O foco da educação é formar estudantes para prestarem vestibular o que dificulta, como isso, no estudo da parte diversificada que poderia garantir uma maior interação entre escola e comunidade caiçara. Meus pais, nossa amiga Mara Zine e meus tios de Peruíbe debatem muita essa questão educacional. Para eles é imprescindível que a escola ajude a formar cidadãos que pensem o desenvolvimento do local, pois se não houver mais pessoas que ensinem a Cultura Caiçara, mostre a importância da pescaria para a sobrevivência da população de pescadores artesanais caiçaras, a biodiversidade da Mata Atlântica, o manejo e o desenvolvimento sustentável, como será a geração futura? Esses questionamentos foram propulsores para que meus pais, Mara Zine com sua família e meus tios de Peruíbe decidissem trabalhar com Turismo de Base Comunitária em Iguape com intuito de desenvolver uma consciência coletiva de preservação, uso sustentável da Mata Atlântica, valorização e continuidade da Cultura Caiçara.

Falando dos meus pais, vou apresentá-los para que o objetivo do meu conto fique um pouco mais claro. Eles são caiçaras respectivamente de Iguape e Peruíbe. Quando escrevo a palavra Peruíbe fico maravilhada, mas isso ficará mais evidente no decorrer do conto... O que interessa agora é dizer que os dois se conheceram num baile de fandango que acontece pelo território da Juréia. O som da rabeça e da viola branca, instrumentos do fandango, foi o movimento de aproximação dos meus pais. As mãos se tocaram, os corpos se movimentaram e os olhares se cruzaram nos salões de fandango. Outros fandangos vieram e os dois estavam presentes no mutirão porque queriam se ver e se conhecer melhor. O fandango tem uma mística que passa de geração para geração e meus pais são herdeiros dessa mística fandangureira.

De fandango em fandango, eles resolveram namorar e o primeiro beijo aconteceu à sombra de um abricoteiro à margem do Mar Pequeno e próximo à subida do Outeiro do Bacharel. Daquele dia em diante, foi marcado o noivado e na festa os convidados foram recepcionados e puderam experimentar comidas típicas que são os bijus, cuscuz, bolo de roda, azul marinho, farofa de farinha manema e outros pratos da cultura caiçara.

O casamento aconteceu no Santuário do Bom Jesus de Iguape, igreja que minha avó materna admirava e um dia sonhou fazer seu casamento. Essa memória e desejo de minha avó

foi realizado pela minha mãe e sempre que vamos à cidade de Iguape entramos no santuário do Bom Jesus para lembrar o casamento e agradecer a Deus pelo dom da vida.

Como falei a pouco, eu moro na comunidade da Vila Nova, em Iguape, mas eu amo a cidade de Peruíbe onde eu nasci, pois lá moram meus tios e minhas primas e no bairro do Guaraú tem uma praia maravilhosa para caminhar e jogar vôlei na areia da praia.

Voltando para a minha experiência, quero dizer que ser monitora ambiental não é uma tarefa fácil, pois é necessário superar a timidez, desenvolver uma comunicação clara, estudar e falar com propriedade sobre o território caiçara onde vivo. Eu estou aprendendo tudo isso com meus pais, meus tios de Peruíbe e com nossa amiga Mara Zine que é proprietária da Fanzineteca Fabiana Menassi, na cidade de Ilha Comprida, e que é superfã de Turismo de Base Comunitária. Meus tios de Peruíbe, Carlinhos e Nilda, trabalham com trailer de porções, lanches e bebidas na praia e vivem falando sobre monitoria ambiental para seus clientes. Já meus pais são apaixonados por cultura caiçara e agroflorestas e não perdem oportunidade para conversar sobre histórias antigas em torno do fogão à lenha onde não passam um dia sem tomar um cafezinho à moda caiçara.

A nossa amiga Mara Zine e sua família, indicaram-nos uma família do interior de São Paulo para realizar aqui na comunidade onde eu moro uma vivência Caiçara. A vivência Caiçara faz parte do projeto de Turismo de Base Comunitária Ribeira que contempla os municípios de Iguape, Ilha Comprida e Peruíbe, na Baixada Santista.

Numa sexta-feira, nas férias de final de ano, a nossa amiga Mara Zine hospedou os cinco integrantes da família em seu hostel que está situado no Ponto de Cultura “Zineteca Fabiani Menassi”, na rua Bom Jesus de Iguape, no. 885, na cidade de Ilha Comprida. A acolhida aconteceu na zineteca onde a Mara mostrou e explicou sobre o local que são produzidos e organizados os fanzines. A palavra fanzine é uma aglutinação de “fã” com “magazine” e é constituído por publicações não profissionais e não oficiais por entusiastas da cultura popular. Mara coleciona fanzines de vários lugares e, entre tantos, existe o fanzine “Voz Caiçara” que deu origem ao livro “Tapari e suas narrativas caiçaras” que é de autoria de meu pai e que tem por objetivo o resgate e a valorização da tradição local. Após a apresentação da zineteca, a família foi conduzida para uma sala onde foram orientados sobre a vivência na comunidade da Vila Nova. Na presença de uma Cataia, bebida alcoólica típica da região, enquanto degustavam, Mara Zine explicou detalhadamente o roteiro que aconteceria no dia seguinte.

Após a família ir repousar, a Mara Zine ligou para meus pais e eu fui chamada para receber algumas orientações dela sobre a vivência do dia seguinte. Quando começamos a falar

senti estremecer minhas pernas, pois sabia que minha função de monitora ambiental exigia responsabilidade diante da família que viria conhecer nossa cultura caiçara. Ouvi com atenção todas as orientações da Mara Zine e depois conversei com meus pais antes de ir dormir.

No dia seguinte, antes do galo cantar, já estava acordada e ansiosa com uma sensação de que a noite havia passado muito rapidamente. Tomei meu café matinal, junto aos meus pais, e ficamos aguardando a família chegar. Enquanto o sol ia esquentando o dia, ouvimos o barulho do motor do carro chegando no nosso portão de casa. Fomos para perto do veículo e cumprimentamos as quatro pessoas que vieram ao nosso encontro. Era um senhor de aproximadamente cinquenta anos e sua esposa aparentando a mesma idade. Eles trouxeram um casal de filhos que pareciam estar muitos curiosos pela vivência. A menina tinha a minha idade e o menino era dois anos mais velho que nós. Depois que nos conhecemos, meus pais me apresentaram como a monitora ambiental que os guiaria pela Vila Nova. Meu coração bateu mais forte naquele momento e passei a sentir o peso daquela responsabilidade.

Sáimos pela comunidade em busca dos pontos turísticos. Nosso primeiro destino foi a Vila de pescadores do Icapara. Lá eu os levei até o marco histórico do bairro que é a Cruz de Malta posicionada no porto dos pescadores. Após contar a história do bairro e lembrar que ali aconteceu a guerra de Iguape, a menina da minha idade, Letícia, me perguntou sobre o significado da palavra Icapara. Eu que havia recentemente lido um texto na escola sobre a origem do nome do bairro rapidamente contei para ela o que havia se passado na escola. Foi assim:

Era uma vez uma vila à beira de um rio. Nela habitavam pessoas velhas e novas. As velhas ensinavam as novas o ofício da pesca, da caça e da coleta dos frutos que serviam para a manutenção da vida. Através da beira do rio as pessoas saíam e voltavam de seus trabalhos e passeios. Não havia estradas na vila como existem hoje. Naquela beira de rio passavam e, às vezes, paravam barcos que transportavam gente de perto e de longe. Em um daqueles barcos viajava uma pessoa chamada Ica que era descendente de indígena, português e africano. Ica era uma caiçara. No passado recebeu das mãos de um pirata uma imagem da Nossa Senhora da Conceição, trazida de além-mar, que jurou guardar onde ninguém conseguisse profaná-la conforme havia pedido o degredado que a presenteou com a santa. A santa começou a ocupar o tempo de Ica que cotidianamente descia e subia no barco através da beira daquele rio por onde se navegava para cuidar de nossa senhora. Passou o tempo e a beira do rio começou a virar uma vila devido ao crescente número de pessoas que se mudaram para a localidade por causa da santa. Pela manhã Ica descia do barco na beira do rio. Pela tarde, Ica subia no barco da beira do

rio. Quem viajava no barco já sabia de cor e salteado onde Ica ia ficar. Uns perguntavam assim: “Aqui Ica para?”. Outros respondiam: aqui para Ica. Entre Ica para e para Ica, a vila ficou conhecida como ICAPARA.

Letícia gostou da forma como expliquei o significado da palavra Icapara e dali para frente fomos conversando até chegar ao início da trilha do Outeiro do Bacharel. Outeiro é uma montanha e Bacharel é a denominação de um degredado europeu que teria fundado a cidade vizinha de Cananéia e que também viveu em Iguape e seu sepultamento teria acontecido ali perto do pé do outeiro. Fomos subindo a trilha bem devagar e eu fui contando algumas histórias sobre o local. Em alguns trechos a família pediu para fazer uma parada porque se sentiam cansados. Quando alcançamos o pico do outeiro, pedi que se sentassem numa pedra que está próximo a torre do farol. Apesar do cansaço, era perfeitamente visível que toda a família estava satisfeita com a caminhada e, sobretudo, com a visão espetacular que se tinha ali do pico do outeiro sobre a região próxima.

Letícia era quem mais perguntava enquanto seus pais e seu irmão adoravam tirar fotos. Seguindo minha proposta de monitora ambiental, expliquei para eles que a torre do farol que havia ali foi instalada pela Marinha com objetivo de orientar as entradas de barcos nas barras do Ribeira e Mar Pequeno em noites de tempestades. O vento leste soprava suavemente e o sol em céu aberto e sem nuvem possibilitavam um momento maravilhoso. Estendendo meu braço direito desde a barra do Ribeira, local onde o rio Ribeira deságua no oceano, fui mostrando a paisagem das praias, da correnteza das águas, da imensidão do Oceano Atlântico, das dunas de Ilha Comprida, município vizinho de Iguape, os manguezais com seus berçários de espécies marinhas, os locais onde acontecem a pesca da manjuba, as revoadas dos guarás e outros aspectos geográficos que Letícia queria saber.

Contei que aquele outeiro servia de forte onde o Bacharel ficava olhando o mar para avisar a comunidade quando se aproximava alguma navegação de pirata. Contei também que ali na barra do Mar Pequeno, conhecida por Barra do Icapara, aconteceu a Guerra do Iguape entre portugueses e Castelhanos. Expliquei para eles que o Mar Pequeno é um complexo lagunar que tem início em Iguape e segue até o Paraná e que constituem o maior berçário de espécie marinha da América Latina.

Descendo do outeiro do Bacharel fomos até um bairro chamado pontalzinho que está entre a subida do outeiro e a margem do Mar Pequeno. No porto de pesca do Pontalzinho havia chegado um barco do alto mar que trazia muitos camarões. Pudemos entrar um pouco no barco para conhecer a realidade dos pescadores embarcados, aqueles que ficam quinzenas trabalhando

sobre a água. Além de mostrar para família a realidade de um barco pesqueiro, aproveitamos para comprar alguns quilos de camarão e seguimos viagem.

Nossa próxima parada foi na casa de Dito Quilombola. Logo que chegamos, Leticia viu uma rede no barco e quis saber como se tecia uma rede. Eu sabendo que não conseguiria explicar detalhadamente o processo, recorri ao Dito que prontamente começou a mostrar seu instrumento de trabalho. Ele mostrou que primeiramente se constrói a panagem da rede e que aquela rede era chamada de feiticeira. A panagem é o tecimento da rede que começa pelo fio que vai produzindo as malhas por meio dos nós. O nó é a função dos fios para produzir as malhas. Depois da panagem pronta, vem a fase do entralho que é o momento de unir a panagem nos cabos (cordas) onde ficam os chumbos e as bóias. A rede feiticeira é preparada com três panagens sendo uma panagem com malhas menores no meio e duas com malhas maiores nos lados. Aquele tipo de rede é bastante pesqueiro porque enrola os peixes na panagem dificultando sua saída. Daí o nome de rede feiticeira.

Os pais de Letícia viram um forno na cozinha à lenha e quiseram saber o funcionamento daquela construção. Dito não quis falar imediatamente do que se tratava, mas convidou a família para conhecer a roça de mandioca que ele tinha plantado no quintal. Chegando lá, arrancou alguns pés de rama e colheu duas dúzias de mandiocas e depois retornaram para casa onde raspou as mandiocas, lavou e colocou numa máquina própria para ralar. Terminada a ralagem, pôs a massa úmida para espremer e separar o líquido chamado mandicuera do qual obtive o polvilho. Na sequência, a Elizabete, sua esposa, preparou deliciosos bijus no forno que a família queria saber para que servia. Enquanto compartilhavam o café caíçara, dito perguntava para a família se ele havia conseguido explicar o funcionamento do forno que os impressionou na chegada.

Terminado o café caíçara com tapioca e bijus, ambos produzidos no forno à lenha, pedi para Dito que nos levasse até o porto de pesca onde ele trabalha. Dito topou o convite e nós o acompanhamos em direção ao Mar Pequeno onde ele guarda seus apetrechos de pesca. O vento leste ainda refrescava o dia e o sol continuava soberano no céu azul e com poucas nuvens escuras. Letícia admirou-se quando viu a sua frente o Mar Pequeno e uma quantidade considerável de canoas estacionadas equidistantes na beira da praia. Juntamente com Dito explicamos para a família que aquele porto de pesca era utilizado para a pesca da manjuba, uma espécie de peixe típica de Iguape que atraía muitos pescadores durante a safra e constitui um esteio econômico da região. Caminhamos pela prainha olhando os pescadores puxarem as redes de manjuba que trazia os peixes tão esperados pelos manjubeiros. Passamos por um grupo de

garotos que pescavam siris e Letícia quis ver como eles pescavam os crustáceos. Conversando com eles, a menina ficou sabendo que a carne dos siris era para fazer pastel e Letícia ficou com vontade de experimentar a tal iguaria. Os garotos disseram para ela onde se podia encontrar o pastel de siri.

De volta ao porto onde estava a canoa de Dito, a família, principalmente Letícia, quis passear de canoa pelo Mar Pequeno. Pedi para o Dito se ele poderia nos levar até o outro lado do Mar Pequeno, onde fica a ponta da Ilha Comprida, e ele prontamente topou o pedido. Fomos de barco a motor até o local onde a foz rio Ribeira e do Mar Pequeno se encontram. Dito nos explicou que ali ele pesca com sua esposa quase sempre durante a noite e é um local que exige muito cuidado e experiência porque as ondas do mar aberto chegam com frequências ali por perto. Depois Dito nos levou até o manguezal e aportou o barco numa posição que nos permitiu entrar no mangue para ver os caranguejos e conhecer aquele ecossistema riquíssimo em espécies marinhas. Letícia até brincou com seu irmão passando lama negra nos braços dele. Naquele dia tivemos sorte porque havia bem perto de nós um bando de Guarás, ave que procura os manguezais em busca de alimentos. Alguns deles estavam mudando de cor, mas existiam os que já tinha a penagem bem avermelhada o que impressionou os pais de Letícia e até o irmão dela que ficou alguns minutos olhando as aves levantarem voo. Deixando o manguezal, seguimos de barco até a ponta da Ilha Comprida onde descemos na praia firme e fomos caminhando até o mar. Ficamos bem próximo da foz do Mar Pequeno e do rio Ribeira, pois ambas desaguam juntas no Oceano Atlântico. A maré estava bem baixa e nós tínhamos uma praia bem extensa para nos movimentar por ela. De um certo ponto, avistei o morro da Juréia bem distante e apontei para eles contando brevemente a história das comunidades caiçaras que ainda moram lá dentro bem como a infância de meu pai que se passou lá no interior das comunidades caiçaras onde ele conheceu minha mãe em um baile de fandango. Mostrei que do outro lado da foz começava a praia da Juréia e que lá também era possível fazer uma vivência como aquela que estávamos vivendo ali. Letícia pulando de alegria e abraçando seus pais disse que adoraria conhecer a Juréia, pois havia assistido ao um vídeo na internet que mostrava as cachoeiras, a trilha do Imperador, o costão rochoso da Juréia, os riachos que deságuam na praia e serve para banhar e passar o picaré, rede usada na costa do mar para capturar tainhas e paratis, peixes da região.

Voltamos para o barco e atravessamos o mar Pequeno em direção ao porto de pesca de Dito. No meio da travessia encontramos pescadores de manjuba usando uma rede chamada corrico. O corrico é diferente da rede manjubeira que vimos logo na chegada do Mar Pequeno

e que é usada para lancear e puxar na praia. Na pesca do corrido, além de não ser uma ação predadora como é o caso da rede manjubeira, os pescadores recolhem a rede no próprio barco que continua em movimento pela água.

Quando chegamos ao porto de pesca de Dito, os pescadores de manjuba já haviam finalizado a pescaria do dia e as canoas estavam todas varadas no barranco com as redes manjubeira recolhidas nelas. Passamos por elas e seguimos pelo caminho da casa do Dito onde fomos recepcionados pela segunda vez com um delicioso caldo de cana preparado por Elizabete, seu filho e netos. Enquanto refrescávamos, tomando garapa, dava para ver em Letícia a felicidade que sentia naquela vivência o que não era diferente com seus pais e seu irmão que também manifestavam satisfação pelo momento.

Após agradecer a acolhida, despedimo-nos de Dito e sua família e seguimos para minha casa onde continuaríamos nossa vivência. Quando passamos o portão de minha casa percebi que haviam chegado meus tios de Peruíbe e a Mara Zine com sua família da Ilha Comprida. Corri de alegria para abraçá-los com enorme satisfação. Foi uma supressa maravilhosa que aconteceu naquele dia. Um momento marcante na minha vida. Chamei a família e principalmente Letícia que já tinha como amiga para entrar em nossa casa. Minha mãe havia preparado um café com porção de banana frita que é uma delícia de comida caiçara. Meus tios de Peruíbe trouxeram um café de garapa a Mara Zine nos presenteou com uma cataia artesanal e alguns artesanatos do seu esposo Messias.

Sentamos todos em torno da mesa e começamos uma prosa gostosa. Eu me sentia maravilhada com tudo aquilo que estava acontecendo com minha experiência de monitoria ambiental. Queria que aquele momento se estendesse por muito tempo em nossas vidas.

Enquanto eu vivia a magia do momento, Mara Zine começou a explicar o fundamento do projeto de Turismo de Base Comunitária que havíamos concebido e estávamos desenvolvendo em parceria. A ideia é promover o turismo nas comunidades caiçaras dos municípios de Ilha Comprida, Iguape e Peruíbe de modo que os participantes possam conviver com os caiçaras no cotidiano onde aprendem suas histórias e conhecem seus modos de vida que preserva a cultura e o meio ambiente incentivando o Desenvolvimento Sustentável e a geração de renda na região. Além disso, Mara também salientou a importância do Turismo de Base Comunitária para a formação e conscientização da geração futura e disse também que realizar vivências como a que eu, Sophia Caiçara, estava monitorando possibilita que as crianças, adolescentes bem como os adultos interajam com a natureza, o território e passem cuidar do espaço onde vivem.

Antes do dia escurecer, levei a família de Letícia para caminhar numa trilha que meus pais estruturaram na mata bem perto de nossa casa. Pela trilha fui mostrando a rica biodiversidade da Mata Atlântica com suas belezas cênicas. A primeira parada foi para conhecer de perto o palmito juçara que é uma palmeira muito apreciada da região do Vale do Ribeira. Falei da sua importância enquanto planta que produz frutos que alimentam a fauna local e que de seu palmito é feita uma deliciosa salada. Mais adiante, mostrei um pé de guanandi e contei do seu uso para construção de casas com a madeira e falei sobre seus frutinhas que servem de comida para os morcegos. Na mesma trilha, já na subida do morro, parei com eles debaixo de uma árvore chamada cambuí. Pedi para que observassem bem a madeira e, naquele momento, fui contando que o caiçara valoriza muito a tal árvore porque é bem aceita no fogão à lenha por produzir brasas duradoras e conservar o fogo por longo tempo fervendo as panelas bem como produzindo fumaças que defumam os alimentos com sabor agradável. Conte também que quando meu pai engatinhava pegou acidentalmente uma brasa de cambuí que queimou sua mão ficando com uma cicatriz nos dedos que serve para ele contar a história do cambuí.

Retornando para casa, por outro lado da trilha, paramos no alto do morro para avistarmos as fozes do rio Ribeira e do Mar Pequeno de dentro da mata. Existe no local um pé de murta, árvore frutífera que é prima da pitanga. A murta produz uma frutinha preta de um delicioso sabor que dificilmente a pessoa que experimenta dela não queira ficar apreciando por um bom tempo sua doçura. Permanecemos olhando a natureza e o Oceano Atlântico entre as ramadas das árvores e contemplando a rica biodiversidade da Mata Atlântica de modo que Letícia se encantava com cada espécie diferente que via à sua frente.

Finalizando a trilha e de volta ao nosso quintal, minha mãe havia preparado um delicioso suco de juçara que nos ajudou a refrescar do calor adquirido na caminhada. Mais uma vez Letícia ficou encantada com o sabor do suco da juçara, pois ela achou muito parecido com o açaí e tive que explicar para ela que as duas espécies são bastante parecidas e que alguns dizem que a juçara é o açaí da Mata Atlântica por serem parecidas tanto no aspecto físico como no sabor. Ainda tive tempo de mostrar para a família nosso espaço de agrofloresta que temos no quintal onde variadas espécies de árvores frutíferas crescem juntas. Mostrando para eles as variedades, contei a história do cambucá, do Cambuci, do tocum, da grumixama e de outras espécies nativas.

Por fim, antes de finalizar o roteiro, a nossa amiga Mara Zine agradeceu a presença da família do interior de São Paulo e a convidou para conhecer outro roteiro, em outra oportunidade, que está localizado no município de Ilha Comprida e que contempla as dunas, a

mata de restinga, o bairro caiçara de Pedrinhas e a ponta da Ilha Comprida que faz divisa com a Ilha do Cardoso que está situada no município de Cananéia. Finalizando sua fala, Mara Zine pediu que meus tios de Peruíbe também falassem do roteiro que existe lá na baixada e que está inserido na Juréia. Com a palavra, minha tia Nilda fez uma bela contextualização do bairro do Guaraú contando sua história desde criança no território onde existe belas cachoeiras, artesanatos caiçaras, trilhas na Mata Atlântica, praias, ilhas, peixes frescos direto dos pescadores, rios e das deliciosas porções típicas que eles servem no trailer denominado “só alegria”.

Mesmo em ritmo de despedida, ainda sobrou um tempinho para eu reforçar o convite para a família conhecer a Juréia que havia mostrado quando estávamos na ponta da Ilha Comprida. Quando finalizamos nossas falas, senti que Letícia, seu irmão e seus pais estavam felizes por terem vivenciados o Roteiro de Turismo de Base Comunitária que aconteceu na comunidade da Vila Nova. Na sequência, despedimo-nos e cada qual seguiu para sua casa. Fui descansar e antes de dormir reconstitui mentalmente todo o percurso que realizei como monitora ambiental. No dia seguinte avalie, com a ajuda de meus pais, que foi uma experiência positiva e que estava preparada para uma próxima vez até porque havia feito uma amizade com Letícia que também havia se encantado com a vivência caiçara e, que nós duas, já estávamos organizando o próximo encontro pelas redes sociais.

Sobre o autor

Paulo Cesar Franco: Caiçara, educador popular, professor de filosofia da rede pública do Estado de São Paulo e doutor em educação pela Unicamp.

E-mail: pcfranco15@gmail.com

Recebido em: 01 de março de 2025

Aprovado em: 04 de maio de 2025